CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA LUZ E SOMBRA – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA 16 de Dezembro de 2022

JUANA LA LOCA / 2001 (Juana, a Louca)

Um filme de Vicente Aranda

Realização: Vicente Aranda / Argumento: Vicente Aranda e Antonio Larreta, baseado numa peça teatral de Manuel Tamayo y Baus / Direcção de Fotografia: Paco Femenia / Direcção Artística: Josep Rosell e Miguel Chang / Guarda-Roupa: Javier Artiñano / Música: José Nieto / Som: Dani Fontrodona / Montagem: Teresa Font / Interpretação: Pilar López de Ayala (Juana), Daniele Liotti (Felipe), Rosana Pastor (Elvira), Giuliano Gemma (de Veyre), Roberto Álvarez (almirante), Eloy Azurin (Estuñiga), Guillermo Toledo (Corrales), Susi Sánchez (rainha Isabel), Chema de Miguel (Don Juan Manuel), etc.

Produção: Canal + España - Enrique Cerezo Producciones - Take 2000 / Produtor: Enrique Cerezo / Cópia 35mm, colorida, falada em espanhol com legendas em português / Duração: 123 minutos / Estreia em Portugal: 7 de Março de 2003.

Aviso: na impossibilidade de redigir um texto original reproduz-se nesta folha a nota publicada no jornal mensal da programação, acompanhada por uma breve nota biofilmográfica sobre o realizador Vicente Aranda.

Talvez a mais conseguida das adaptações cinematográficas da história de Joana, a Louca, filha dos Reis Católicos, que no fim do século XV casa com o Arquiduque da Áustria, Filipe, o Belo, e será mãe do futuro imperador Carlos. O que começou por ser um "casamento político" transforma-se, para Joana, rainha, numa paixão avassaladora pelo marido que a levará à loucura. A declaração de insanidade pela Corte de Burgos impõe-lhe a reclusão no Mosteiro de las Huelgas enquanto Filipe se proclama rei. Uma produção espanhola que contou com coprodução portuguesa da Take 2000

Vicente Aranda (1926-2015) era um catalão, de Barcelona, que vivia em Madrid desde que fugira "a sete pés" (conforme citação do jornal "El Mundo") do nacionalismo catalão, que não aceitava nem compreendia. Mas foi numa relação umbilical com a sua cidade natal que a sua obra se iniciou, nos anos 60, sob os auspícios da que ficou conhecida como a "Escola de Barcelona", um grupo de cineastas baseado na cidade catalã, todos eles pouco ou nada conhecidos do público português, mas onde se integravam cineastas tão importantes como Joaquim Jordá ou, sobretudo, Pere Portabella. Nesse contexto, muito marcado pelo sopro de modernidade e de liberdade recebido da nouvelle vague, Aranda rodou **Fata Morgana**. O passo seguinte foi aproximar-se dos géneros ou subgéneros menos "nobres" cheios de tradição do cinema espanhol (vide Jess Franco), os filmes eróticos e de terror, frequentemente combinando os dois termos, em títulos como **Las Crueles**, **La Novia Ensanguentada** ou **Cambio de Sexo**, já nos anos 70. Data desta altura a fama de Aranda como cineasta "sexualmente obcecado", a que ele respondia, ainda segundo o "El Mundo", dizendo que "o sexo interessa-me". Rodou ainda várias obras adaptadas de romances de

escritores espanhóis, mormente Vázquez Montalban e sobretudo Juan Marsé (de quem adaptou quatro livros). Dos filmes de Aranda comercialmente estreados em Portugal, o melhor foi provavelmente este **Juana la Loca**, sobre a infeliz Joana de Castela, acidentamente apaixonada pelo seu marido no que devia ser apenas um casamento de conveniência política, e protagonizado por Pilar López de Ayala, que uns anos depois veio a ser a Angélica do **Estranho Caso** de Manoel de Oliveira. O seu último filme foi **Luna Caliente**, em 2009